

PAISAGENS DE MATO GROSSO
LANDSCAPES OF MATO GROSSO

Desenhos de
Pierre Deffontaines¹

Apresentação de
Aroldo de Azevedo

Dentro desse verdadeiro “continente”, que é o Brasil, Mato Grosso aparece como se fora um “país”, pois abarca uma área territorial correspondente a 15% do total brasileiro. Com seus 1.254.821 km de terras, Mato Grosso é comparável, em extensão, à União Sul-Africana, a Angola ou ao Peru, maior que a Colômbia ou a Bolívia, quase duas vezes e meia mais extenso que a França, cinco vezes a Grã-Bretanha, podendo conter folgadoamente 13 países do tamanho de Portugal.

Tudo é grande em Mato Grosso, até mesmo o homem (tão pequeno pelo número, pois não chega a 600.000 sua população e é apenas 0,5 habitante por km² sua densidade demográfica), porque não pode deixar de ser considerado grande quem consegue pontilhar, com sua luta e sua presença, as infinitas solidões daquele território imenso. Tudo é grande e essa grandeza faz-se sentir na própria paisagem, já que imensos são os “quadros” regionais e extraordinariamente amplos os elementos que acabam por constituir o “mosaico” de suas paisagens variadas.

¹ Artigo publicado no BPG nº 24, em 1956, com desenhos de julho e agosto.

Essa é, pelo menos, a impressão de quem o percorre por vias terrestres e fluviais ou o contempla das alturas. Centro geográfico da América do Sul, ponto de encontro das duas maiores bacias fluviais de nosso continente, Mato Grosso longe está de oferecer a uniformidade ou monotonia de aspectos da Amazônia. Muito pelo contrário, caracteriza-se pelos grandes contrastes, se bem que, para senti-los e compreendê-los, seja necessário encara-lo à luz de sua enorme extensão. Com efeito, os estudos microgeográficos perdem seu significado quando se procura interpretar a paisagem matogrossense: são as visões panorâmicas, amplas e desmedidas, que precisam ser utilizadas caso desejemos descobrir os contrastes que se escondem sob a capa de uma aparente uniformidade.

Os contrastes aparecem nas grandes unidades do relevo, entre os planaltos sedimentares e essa vasta e impressionante concha que é o Pantanal; entre a tabularidade dos chapadões e as escarpas que os delimitam ou a aspereza dos velhos maciços residuais. Contraste existe na cobertura vegetal, se pudermos saltar do Mato Grosso amazônico, domínio da Hiléia, para o complexo botânico do Pantanal ou para os domínios infindáveis dos “cerrados”. Basta visitar as cidades matogrossenses para compreendermos que diferentes foram suas origens, cheia de contrastes sua evolução: lá estão as pacatas e venerandas cidades setecentistas, nascidas em torno de arraiais da mineração ou como sentinelas avançadas da América Portuguesa - Cuiabá ou Poconé, Corumbá ou Cáceres, inteiramente diversas em sua fisionomia ou em sua vida urbana daquelas que têm apenas algumas dezenas de anos, frutos do avanço da via-férrea - como Campo Grande (cujo dinamismo faz-nos pensar nas movimentadas cidades do Oeste paulista), ou nascidas em torno de “corrutelas” da área diamantífera - como Guiratinga e Poxoreu. E se atentarmos para outros aspectos das paisagens matogrossenses, novos contrastes descobriremos: são os ervais do Sul, são o gado e as pastagens infinitas desse intrincado Dédalo de terras e de águas que se misturam - o Pantanal.

A excursão realizada ao Centro-Oeste, poucos dias antes de iniciar-se o XVIII Congresso Nacional de Geografia, mostrou, a uma parcela dos geógrafos estrangeiros que nos visitaram, esses e muitos outros contrastes que Mato Grosso oferece aos olhos de quem sabe usá-los. Entre eles encontrava-se, para felicidade nossa, o prof. PIERRE DEFFONTAINES, fundador e primeiro presidente da AGB, atualmente na direção do Instituto Francês de Barcelona. Ao seu espírito observador arguto e de geógrafo experimentado, aliado às suas admiráveis qualidades de artista, devemos uma série de desenhos, feitos por ocasião dessa viagem, nos quais conseguiu fixar, para sempre, aspectos marcantes e expressivos da paisagem matogrossense.

Por especial gentileza do Mestre que todos admiramos, o Boletim Paulista de Geografia tem o privilégio de publicar, em primeira mão, uma simples amostra de sua belíssima coleção. É o que aparece nas páginas a seguir. São desenhos que falam por si mesmos, tanto de aspectos típicos de Mato Grosso (que soube tão bem provocar as reações do geógrafo), como do artista que os interpretou de maneira magistral.



Chapada dos Guimarães - A cerca de 50 km a leste da cidade de Cuiabá erguem-se as escarpas alcantiladas que constituem o rebordo do grande planalto cretáceo do Mato Grosso.

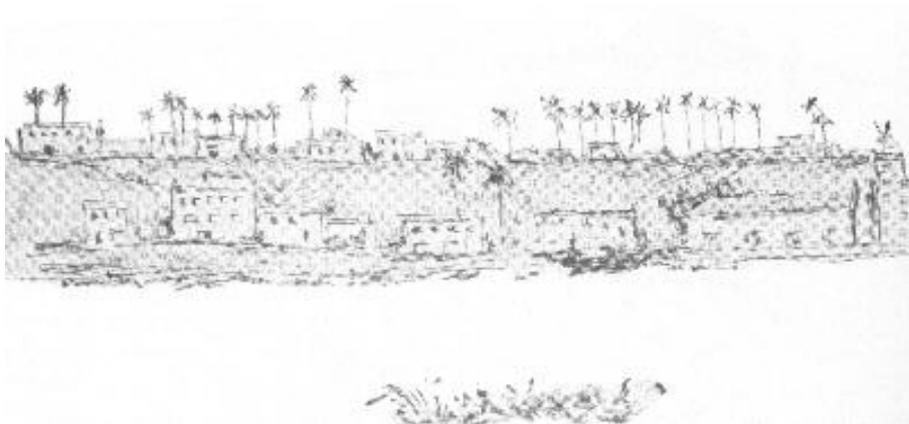
AROLDO DE AZEVEDO E PIERRE DEFFONTAINES



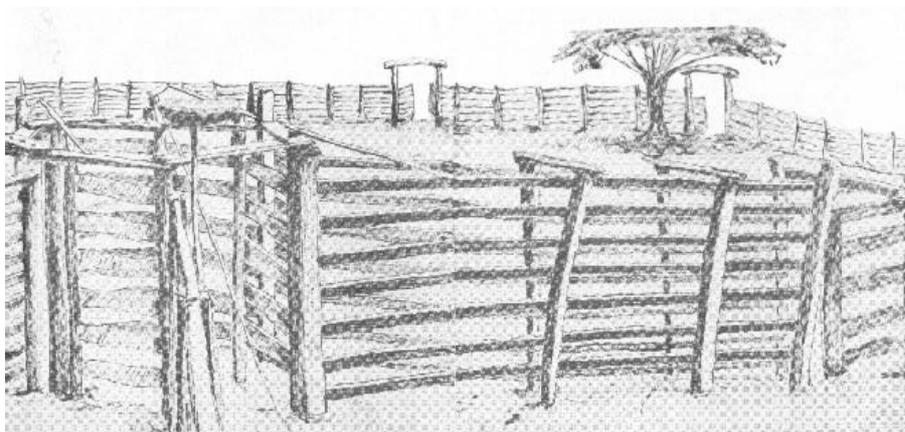
Uma visão do Pantanal - Vista da grande planície aluvial tomada da usina siderúrgica de Corumbá; em destaque, à esquerda, o morro do Sargento.



Habitação do Pantanal - Pequena sede de fazenda, construída sobre estacas. Próximo à margem direita do rio Paraguai, a cerca de 30 km, a jusante, de Corumbá.



Corumbá e o rio Paraguai - A velha cidade de Corumbá nasceu de um posto militar, sentinela avançada da América Portuguesa no século XVIII. Assenta-se em dois níveis bem caracterizados à margem esquerda do rio Paraguai, não longe da fronteira com a Bolívia. Sobre as águas fluviais, no primeiro plano, vê-se um “camalote” ou ilha-flutuante.



Um curral ou “mangueira” - Trata-se de elemento típico da área pastoril de Mato Grosso. Focalizado na “Fazenda da Água Boa”, município de Maracaju.



Cuiabá, capital do Mato Grosso - Aspecto do trecho principal da velha cidade matogrossense - arraial de mineradores do ouro por volta de 1719, Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá em 1727 - tomado da colina em que se ergue a igreja do Rosário, junto ao local de sua origem. Por entre as numerosas palmeiras imperiais, destacam-se, ao centro, as torres da Catedral metropolitana.



Uma rua de Cuiabá - Velha rua pavimentada com blocos de pedra, ao longo da qual se erguem habitações com típicos beirais.

SÃO PAULO, 1950

Acervo particular do prof. José Ribeiro de Araújo Filho



Professor Louis Papy, em São Paulo (SP)

PARIS, 1965

Acervo particular do prof. Ary França



O professor Pierre Monbeig, no Colóquio sobre Problemas Agrários da América Latina, em Paris, outubro de 1965

ITAQUAQUECETUBA, 1945

Acervo particular do prof. José Ribeiro de Araújo Filho



Excursão com o professor Aroldo de Azevedo para Poá, em Itaquaquetuba (SP), em 1945. Destaque, à direita: Aziz Nacib Ab'Sáber

SÃO PAULO, DÉCADA DE 1940

Acervo CAPH/FFLCH-USP



Primeiras turmas do curso de Geografia da USP. Formandos e professores diante da Catedral da Sé, em São Paulo (SP), na década de 1940